

UMA PAUSA PARA REFLEXÃO: SUJEITOS E IDENTIDADES NA EDUCAÇÃO ECOLÓGICA

Davi Gutierrez Antonio¹
Solange T. de Lima Guimarães²

Educação Ecológica, Sujeitos e Identidades

A Educação Ecológica considerada como uma das distintas perspectivas da Educação Ambiental, compreende um dos cernes mais sensíveis do ser humano, porque envolve de modo intrínseco os aspectos relacionados com “[...] a espiritualidade, a ética, a sensibilização, o imaginário – e a sua relação com os entornos – natureza, cidade, campo - e com o outro [...]” (BACH, 2007, p.2), nos conduzindo a relações íntimas e indissolúveis, que na visão de Buber (2001) compreende as “entreidades” (*betweenness*), ou seja, as esferas do “entre”, existentes em um reencontrar-se em dimensões dialógicas com o próprio Eu, o Outro e a Natureza.(GUIMARÃES, 2014).

Neste sentido, buscamos tecer uma reflexão sobre as relações para a construção de sujeitos e identidades por diferentes atores na construção da sustentabilidade por meio da Educação e Alfabetização Ecológica (CAPRA, 2006), e como os sujeitos da ação ambiental (professores, alunos, gestores, funcionários, pais, comunidade em geral), tornam-se protagonistas para a construção de um desenvolvimento territorial sustentável, em suas diversas escalas (recortes operacionais), abrangendo territorialidades multifuncionais, tais como a Escola, o Bairro, a Comunidade, a Cidade, enfim, ampliando e mesclando as multidimensionalidades do nosso mundo e espaço vividos. (BUTTIMER, 1985; FRÉMONT, 1980).

A construção de territórios de sustentabilidade, gerados, adaptados e organizados pelas várias comunidades em consonância às suas tradições, em especial pelos sujeitos da Educação Ecológica, revela que ao mesmo tempo estes espaços abrigam sociedades distintas entre si, porém, revelando uma imbricação de aspectos que apresentam relações mútuas. Neste contexto, devemos buscar a reciprocidade sob uma perspectiva dialógica, tendo em vista que o *espaço sustentável-sociedade sustentável* se expande numa intersecção de sistemas e subsistemas, de redes, ao partimos do habitat, da escola, tendo como limites o planeta, por exemplo, exigindo mudanças que se retroalimentam. Entretanto, cabe aos sujeitos a iniciativa destes processos, tanto no que tange à capacidade ou não de compreender e adotar práticas coerentes com seus princípios tradicionais e seus valores culturais, como quanto aos desejos de uma transformação que atenda às demandas correlacionadas ao desenvolvimento de satisfatores de qualidade de vida pro-ambientais, acrescidos das relações sociais e das emoções no tocante à topofilia e biofilia, que venham contribuir direta e indiretamente com as mudanças e transformações espaciotemporais e os processos identitários correlacionados.(GUIMARÃES, 2005; 2007).

Desta forma, esta reflexão visar levantar alguns questionamentos sobre os sujeitos e a importância das suas relações de identidades e alteridades, na construção dos territórios sustentáveis, com o intuito de alargar as perspectivas durante a exploração das possibilidades, pois, se por um lado ainda somente temos exemplos pontuais de casos de desenvolvimento territorial sustentável, por outro, a construção desse caminho pelos sujeitos – educadores ambientais, professores, gestores, alunos e toda a comunidade escolar – já está em curso, transformando ideais e projetos, alicerçados em novos paradigmas, criando novos lugares.

Sujeito: A Subjetividade na formação do Ser

Na Subjetividade articula-se a relação mundo interno/externo, sujeito/sociedade, experiência do próprio “*Eu*”, assim o sujeito toma forma na interação do âmbito pessoal e do universal, significando e ressignificando experiências e ações. Este por sua vez, intervém (subjetivação, não consciente) no espaço (meio), e simultaneamente é modificado por este, reconstruindo sua subjetividade, significando o *eu*, o *outro* e o *mundo*. Sartre elucida esta relação na constituição do ser, pois “[...] há subjetividade quando um sistema em interioridade, mediação entre o ser e o ser, interioriza, sob a forma do ter-de-ser, qualquer modificação exterior, e que ele a reexterioriza sob a forma de singularidade exterior”. (SARTRE, 2015, p. 34). Assim, é no resultado de uma ação, de uma práxis, ou de um processo, que se torna possível reconhecer a subjetividade na sua externalidade e materialidade, o ser, ao gerar, propor, executar, agir ecologicamente, a partir das interconexões e da ética ambiental, significa-se, torna-se ser, o sujeito ecológico.

Desta forma, primordialmente a especificidade humana decorre da relação que se estabelece no mundo vivido e imaginado, quando o ser humano se apropria da cultura e nela se estabelece (a interioriza, em geral de maneira não consciente), constituindo-se como sujeito, cognoscente (autonomia e consciência na formação do seu conhecimento). Esta relação acontece de duas maneiras, pela Objetivação, a coisificação do homem pela política, pelo mercado e pelas normas (dócil e produtivo); e mediante a Subjetivação, o homem sujeito da sua identidade, crítico e autônomo (HALL, 1998). Assim, o sujeito ecológico é formado na subjetivação, ao se impregnar pela ética ecológica e pelos princípios da ecoalfabetização, tais como pelas lembranças da sua infâncias e pelos seus valores e sua sensibilidade, que soma-se a cristalização de sua identidade, por sua vez construída na alteridade (relação *Eu-Tu*), em que as ações, atitudes, afetividade e valores concernentes à Educação Ecológica ocorrem, resultando em práticas, condutas, atitudes e posições coerentes com a

proteção da vida em seu sentido mais amplo, o da conservação dos sistemas socioecológicos e a busca pela equidade, responsabilidade e justiça nos sistemas humanos. Assim, por meio da consciência, a subjetividade invade a objetividade, leva ao mundo a marca da humanidade, onde os sujeitos têm a capacidade de negarem a objetividade como uma dimensão absoluta (MAHEIRIE, 2002, p. 33), afastando assim, o homem objeto, ou a coisificação das relações e das organizações humanas, ao associarem posicionamentos da educação ecológica ao sujeito ecológico.

Contudo, essa relação é uma possibilidade que se apresenta, e neste campo da espera elucidamos o contexto histórico da noção de sujeito nos leva a acreditar nessa “possibilidade”, pois, o sujeito e o processo de subjetivação não são estanques, mas apresentam dinâmicas que mudam com a sociedade, em suas diferentes épocas. Hall (1998), elucida essas alterações ao longo da história humana recente, onde as associa às suas relações culturais, ambientais e às formas de pensar de cada período histórico, elencando três fases, o (i) *sujeito do iluminismo*, (ii) *sujeito sociológico*, e o (iii) *sujeito pós-moderno*. Para o autor, o sujeito do Iluminismo, no século XVIII, fundamentava-se na visão do humano como um indivíduo totalmente autônomo, independente, centrado, com capacidades de razão, de consciência e de ação, o seu centro era sua identidade pessoal, concepção muito "individualista" do sujeito e de sua identidade. A noção de sujeito sociológico ligado à complexidade do mundo moderno, observada desde o final do século XIX, e principalmente durante o XX, e a consciência de que o sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas formado a partir do estabelecimento das relações com o outro (pessoas da sua família, comunidade, trabalho), relaciona o sujeito aos valores culturais, sendo que a identidade é formada na "interação". Nessa perspectiva o sujeito ainda tem uma essência interior, formado na relação do “eu” com o “outro” (pessoas e fatores culturais), formando sua identidade.

Já o sujeito pós-moderno, ou que vive numa modernidade líquida, se apresenta sem uma identidade fixa, como o sujeito sociológico, mas “móvel”, formada e transformada continuamente nas interações sociais, simbólicas e culturais, e as representações que daí surgem (como vemos o outro e a nós mesmos) são históricas, como os jovens que estão em plena “efervescência das suas transformações”, formando-se como sujeitos, assumindo identidades próprias em diferentes momentos históricos, identidades contraditórias muitas vezes, mas que se mantém dialogicamente em equilíbrio. Todavia, em vários casos, o equilíbrio é quebrado, rompido, mostrando as contradições desses “tempos líquidos”, de acordo com Bauman (2003). Estas conjunturas nos conduzem a questionamentos, preocupações e oportunidades, para permear a prática do Educador Ambiental nas suas relações com os educandos e a comunidade, sob a perspectiva da visão ecológica, ou seja, contribuir com a formação do sujeito ecológico, fundamentando-se na ética e na responsabilidade social, norteadas por princípios socioecológicos, para que o indivíduo se constitua como “ser” à sua maneira. Neste universo de mundividências, surge a pergunta: *O que somos? Mas, o que podemos ser que não somos ainda?*

O Educador Ecológico para formação do Sujeito Ecológico

Simultaneamente, este sujeito formado em um universo onde se entremesclam múltiplos sistemas socioculturais, com significações e representações sociais distintas, é subordinado a este sistema, sob diferentes formas, que muitas vezes oprimem, restringem, por outro lado, isso nos abre a um novo mundo de possibilidades, onde justamente a multiplicidade mostra a riqueza de nosso tempo na formação de um sujeito mais ativo e responsável diante de cenários presentes e futuros marcados pelas questões e preocupações ecológicas, culturais, socioeconômicas, políticas, democráticas, entre outras tão importantes. Nesta riqueza e diversidade sociocultural, o educador ecológico encontra a motivação, o entusiasmo

e os materiais, para iniciar as mudanças tão necessárias e emergenciais, que exigem comportamentos e atitudes pró-ambientais.

As transformações, as crises epistemológicas e axiológicas, os colapsos socioeconômicos de nossa época, nos levam a pontos de rupturas causadores de mudanças, possibilitando ao educador, afastado da ótica do professor tradicional, conduzir essas transformações para o horizonte de possibilidades ecológicas, centrar-se no ponto de partida para a materialização do possível no concreto. Neste contexto, temos a identidade (o encontro no Eu das particularidades e externalidades), por um lado, entre os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar” ou nos “convocar” para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares, enquanto pelo outro lado, temos os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos (HALL, 1998, p. 111-112). Essas representações identitárias, construídas nas relações de alteridades, sujeitas à historicização, estão em constantes transmutações, têm menos a ver com quem somos, e mais com quem nos tornamos, ponto chave no papel do *Educador Ecológico*, uma vez que as identidades, segundo Hall (2003, p.109):

[...] têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto como as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e Como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”.

Côncio dessas idiosincrasias inerentes à formação das identidades, o *Educador Ecológico*, por intermédio dos recursos e instrumentais da educação e alfabetização ecológicas, passa a envolver e desenvolver o entendimento dos processos perceptivos, interpretativos e valorativos relacionados ao meio ambiente, bem como da subjetivação do ser, do conhecimento da interatividade dos sistemas ecológicos, sendo capaz de nortear os sujeitos para sua consolidação como

“ecológicos”. Contudo, os objetivos das suas ações devem ser claros e discutidos de modo a estabelecer uma cooperação dialógica entre os envolvidos, elementos determinantes para a partilha das responsabilidades e autonomia, pois, segundo Hall (2005, p. 110):

[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído [...].

É na interação com o outro, na simplicidade das ações, na sinceridade das atitudes, através dos exemplos que o Educador pode contribuir com a consolidação de pessoas eticamente comprometidas e criativas nas ações de proteção do meio e do outro, pelos princípios e/ou processos que regem a Natureza e a Vida.

A Interação Social: O Coletivo no Sujeito Ecológico

Nesse percurso de composição identitária pela subjetividade, a relação no meio social, seja com um grupo ou uma comunidade, nos remeter aquilo que nos identifica, esculpindo a base na qual construímos nossas ações, que possibilitam o reconhecimento social da pessoa, tendo em vista que este caminho sempre encontra-se em construção, reconstrução e transformação, em razão das identidades socioculturais, comunitárias e territoriais serem fluidas no tempo (*Kronos* e *Kairós*) e no espaço (lugar e paisagem), e que por sua vez, modificam o próprio meio num processo dialógico, pleno de interações.(GUIMARÃES, 2007; 2014) Como consequência, o grupo social constitui o lócus de atuação dos Educadores, que podem coletivamente modificar o meio (ética ambiental), influir em atitudes e ações (ecoalfabetização) , possibilitando contribuições correlacionadas à composição das

identidades grupais. Assim, se enfrenta o distanciamento da relação ser humano e Natureza, permeada historicamente de um antropocentrismo não mais possível, aprofundando as crises geradas pela modernidade e suas intersecções, as demandas de consumo e a exploração irrestrita dos recursos naturais, urgindo mais do que nunca ser superada.

Por conseguinte, as alternativas propostas por Orr (1994; 2006) e Capra (1998; 2002; 2006), direcionadas à reconexão com a Natureza, que têm que ser íntimas, específicas e adaptadas a cada pessoa e às comunidades, gerando ações concretas e transformadoras tanto em relação aos seres humanos como aos seus lugares, consolidam uma posição ativa e crítica na proteção da Natureza. Por sua vez, na intimidade do Sujeito Ecológico a interação propicia sua formação, permitindo exercer suas influências nos diferentes espaços das sociabilidades, pois desvenda a riqueza da cultura como produtora e produção das identidades social, territorial e paisagística, alternando contextos de equilíbrios e conflitos, rotinas e rupturas, porém, constituída por hábitos, emoções, símbolos, representações, enfim, por modos de vida e mundividências.

Neste contexto, família, escola, comunidade são os âmbitos básicos da vivência e das interações socioculturais, porém, a escola tradicional tem um papel muitas vezes antagônico, reproduz a sociedade ao “modelar” os alunos, de acordo com códigos e concepções atreladas às relações sociais dominantes, objetivação que se preocupa mais com a disciplina, do que com o conhecimento escolar. Diante destes cenários, cabe ao Educador Ecológico a tarefa de entender e agir, nutrir o educando para a reflexão, a proatividade e a criatividade na sua vida, considerando a busca pela proteção da Natureza, a transformação das escolas em espaços sustentáveis, com universos próprios e propícios à criação de uma cultura fundamentada em princípios para a constituição do sujeito ecológico. Este movimento de eclosão de um novo ser humano com vistas a um novo modelo de sociedade assentado nos paradigmas da

sustentabilidade, reside no sujeito ecológico e nas interações historicamente estabelecidas no seio do seu grupo social, pois conforme Maheirie (2002, p. 35): “O homem se define baseado em seu passado, pois este é o que ele é e não pode deixar de ser, mas é em função de um futuro que tal definição acontece, já que é ele quem dá sentido às posições do sujeito”.

O Sujeito Ecológico para a Educação Ecológica

Ao considerarmos o *sujeito ecológico*, temos que ter a compreensão dos vários aspectos da vida psicossocial orientados (ou não) por valores ecológicos, um ideal de identidade, capaz de enfrentar os conflitos sociais, éticos e estéticos, para um projeto de sustentabilidade comunitária e social, a partir de uma postura individual, contagiando grupos e outras pessoas, onde se adota um estilo de vida orientado por princípios da Ecologia Profunda, adaptado ao tempo presente, pensando nos ecossistemas naturais e culturais, nas suas interconexões e dimensionamentos, bem como nos processos de significação e valoração subjetivas e objetivas pertinentes à biodiversidade e à pluralidade cultural.

Assim, o sujeito ecológico ao se formar na subjetivação, de forma simbólica e psíquica, como ato pessoal e único, e concomitantemente, ocorrer abrangendo as alteridades e suas significâncias, presentes nas relações que tecemos com as pessoas que estão próximas, e mesmo com as distantes, com o advento das tecnologias digitais de comunicação e informação (as redes sociais, por exemplo), é justamente nestes relacionamentos que identificamos o outro, atribuindo características, a partir do que o “eu” possa em si mesmo perceber, interpretar e representar. Na esfera local podemos citar como exemplo, a ressignificação e a existência de diferentes relações de alteridades, como fortalecimento do sentido da *comunidade*, visto que para Buber (1987, p.34): a “Vida nasce de comunidades e

aspira a comunidade. A comunidade é fim e fonte de Vida”. Sob esta ótica, estes espaços reivindicam a elaboração sociocultural e econômica da sustentabilidade, revitalizando e reinventando espaços de diálogos, de aprendizados, de signos e significados próprios de cada comunidade, como lugares privilegiados da afirmação da pessoa humana – o sujeito –, dentro de sua subjetividade e identidade, manifestando-se em suas relações dialógicas entre distintas alteridades. Trata-se de uma tarefa árdua e que exige perseverança, pois envolve vários campos dos saberes, em especial a Educação e Alfabetização Ecológica, com sua capacidade de conectar as várias dimensões dos conhecimentos, sejam técnico-científicos ou tradicionais, em torno de um objetivo comum, no ir e vir pelos caminhos da inter e transdisciplinaridade.

Segundo Souza et al. (2008) e Alves e Ghiggi (2012), a pedagogia da alteridade promovida em espaços de diálogos, no processo de alfabetização ecológica e participação e colaboração social, torna a Educação Ambiental fundamental para a transformação desses espaços, tendo como fim a sustentabilidade. Assim, torna-se necessário pensarmos como estas relações humanas tão marcadas por subjetividades, ocorrem nesses espaços e no cotidiano. Deste modo, propomos para esta reflexão, o pensamento do filósofo Martin Buber (1987; 2001), no que concerne às relações com os outros, resultando no sentido do *comunitarismo*: feito da coesão e integração social em torno de uma centralidade comum ao grupo e suas identidades. Buber (1987) buscou no sentido e na formação de comunidade um caminho, refletindo sobre essas inter-relações, ao caracterizar o homem como *ser relacional* por essência, esta relação é reiterada por duas expressões fundantes da existência humana: *Eu-Tu* e *Eu-Issó* (BUBER, 2001).

Ambas as relações que ocorrem nos diversificados contextos das alteridades, em nossos dias, são necessárias a vida e a existência, sendo imprescindíveis mesmo no que tange à relação com o *Issó*: “[...] o homem não pode viver sem o ISSO, mas aquele que vive somente com o ISSO não é homem” (BUBER, 2001, p. 39). Todavia,

estas relações de proximidades (*Eu-Tu*), ou de distanciamentos (*Eu-Iso*), necessariamente têm que ser sustentadas por valores dentro das referências éticas, morais, sociais, afetivas, espirituais, culturais e ecológicas. A *alteridade* como princípio educativo e das relações humanas exige do educador, expressões impregnadas de sensibilidade e afetividade, nas diferentes formas de se relacionar com o outro e buscar o outro, traduzidas pelos reencontros, numa íntima relação consigo mesmo, *construindo pontes* entre as pessoas, num caminho de *relição* com a Natureza, ou de acordo com Benveniste (1969, p.272), o *relegere* (aqui entendido como um recolher-se e permitir-se a escolhas novas), num esforço para a geração de espaços de diálogos e saberes, abarcando reflexões, motivações e sensibilizações, em contraposição a espaços opressores, modeladores, não criativos.

Nesta acepção, a pedagogia pela ética, considerando-se as relações de alteridades, no processo de ensino, constitui uma premissa básica para que o educador caminhe para a Alfabetização Ecológica, ou seja, uma educação que estimule uma percepção fundada na visão ecológica, e com a decorrente criação dos vínculos emocionais positivos com a Natureza (CAPRA, 2006, p.15), que consideramos como *Outrem*, no ir e vir da alteridade. Assim, possibilitamos que as crianças ecoalfabetizadas “[...] sejam capazes de desenvolver uma paixão pela aplicação dos seus conhecimentos ecológicos à reformulação das nossas tecnologias e instituições sociais, de maneira a preencher a lacuna existente entre a prática humana e os sistemas da natureza ecologicamente sustentáveis” (CAPRA, 2006, p.15). A alteridade torna-se essencial, ao propiciar a semeadura de práticas e reflexões, construindo doravante um diálogo com o outro, pressupostos básicos para a valorização do sujeito, das identidades e da Natureza, protegendo o ambiente e norteando a mudança, respondendo à questão levantada por Orr (2006, p.11), que é: “[...] como viver à luz da verdade ecológica de que somos uma parte inextricável da comunidade da vida, una e indivisível”.

O sujeito Protagonista da Mudança

As mudanças nas diferentes esferas da vida social, cultural, espiritual, econômica, política ou ecológica, são iniciadas pelas ações de cooperação das pessoas com objetivos comuns; entretanto, para o sujeito ecológico a melhoria da qualidade de vida e ambiental, é parte das funções sociais da Educação Ambiental, que só pode ocorrer de forma colaborativa, partilhando a liderança, transformando a todos em protagonistas das ações de nossos entornos, em cogestores dos recursos ambientais da comunidade, visando a sustentabilidade.

Evidentemente, esse também é um caminho longo, mas é uma consequência intencional do trabalho do Educador, sendo que o primeiro passo é compartilhar a liderança, nas suas aulas, na Escola, na comunidade. Um percurso a ser repensado abrange alterações no currículo escolar, tanto no oficial, quanto no “oculto”, ou seja, naquele verdadeiramente praticado no cotidiano, em razão das especificidades regionais e/ou locais vivenciadas. Repensar como nossas aulas são desenvolvidas, como as relações na escola ocorrem – *Eu-Tu* ou *Eu-Isso* –, buscando entender as interações decorrentes e como a subjetivação advém para a identidade.

Diante deste contexto, temos a oportunidade de pensar a escola como uma comunidade de aprendizagem, relacionando os saberes de cada disciplina com objetivos comuns (interdisciplinaridade), onde estudantes, professores, pais, gestores, funcionários de diversas categorias, estejam interligados em uma rede de relacionamentos, trabalhando juntos para facilitar a aprendizagem, e o ensino fundado em relações humanas sem hierarquizações, onde a liderança é compartilhada, na busca pela criatividade, capacidade de todos e que impele para a integração, levando à tecitura de redes cooperativas.

Entendemos que o protagonista é o sujeito (*ser*) que assume seu papel de cidadão ético e responsável pelas mudanças e pelas melhorias na qualidade de vida, sob vários aspectos ecológicos. Nossa identidade é completada pelas relações de alteridades, para nos tornamos sujeitos ecológicos, protagonistas de nossas ações e mudanças. Adentrando por estas veredas, o educador pode motivar e sensibilizar seus alunos, utilizando abordagens integradoras correlacionadas às relações entre as dimensões subjetivas e objetivas, ao estimular a constituição de identidades coletivas e o senso de comunidade, nos espaços de convivência e coexistência.

Perante tais conjunturas, este Educador tem um papel privilegiado na mobilização e motivação, porém, ele próprio precisa assumir primeiramente a função de protagonista, motivando assim pelo exemplo, para conduzir às transformações idealizadas e planejadas, afetando lugares e pessoas de modo pró-ambiental. As escalas de atuação são as mais diversas, iniciando nas salas de aulas, nos pátios durante os períodos de recreações, na escola e seu entorno, nos bairros, comunidades até a atuação sistêmica no âmbito da bacia hidrográfica (considerada como unidade paisagística de análise), onde todo os processos estão interligados e em interações contínuas.

Destarte, refletindo sobre o campo da educação ambiental formal, as práticas educativas socioecológicas têm caráter colaborativo, num eixo interdisciplinar, aumentando a abrangência da escola como espaço do possível, da convivência e das transformações, gerando saberes e ações comunitárias. Para tanto, torna-se necessário promover mudanças atitudinais e comportamentais devidamente contextualizadas e problematizadas, visando entender as multidimensionalidades e a multifuncionalidades do meio ambiente, de suas paisagens. Assim, esta abordagem passa a integrar os conhecimentos a partir de ações, como por exemplo, as metodologias ativas de ensino-aprendizagem, envolvendo a resolução de problemas,

a autonomia diante de tomadas de decisões, bem como a possibilidade de desenvolver uma reflexão e análise críticas, e a formação de redes.

Neste ponto, temos o processo educativo como “[...] uma disposição ética pela qual o indivíduo se abre à transcendência, ou seja, é uma abertura que procura receber o Outro em sua exterioridade original”. (ALVES; GHIGGI, 2012, p. 587), pressupondo identidades constituídas, levando não só a aprendizagens significativas, no tocante à proteção da Natureza, mas a uma vida plena que torna os sujeitos protagonistas, capazes de pensarem sobre as ações efetivas e potenciais no entorno de suas escolas, até expandirem-se a ponto de alcançarem a bacia ou a sub-bacia (consideradas como unidades escalares); ou mesmo em outros diferentes espaços, tais como áreas protegidas, unidades de conservação, etc., que existam nas circunvizinhanças.

Contudo, para que isto ocorra sem que possa parecer algo longínquo ou irreal, ainda mais distante dos conteúdos programáticos dos currículos escolares oficiais, o professor necessita para alcançar seus objetivos (muitas vezes sem vinculação com o cotidiano dos alunos e/ou da cultura local), trilhar caminhos que desvendem espaços de interlocuções, gerando mudanças atitudinais e de abordagens, que sejam norteadoras de suas próprias aulas, sem perder de mira os conteúdos, trabalhando ações e práticas. Desta forma, o professor pode imbuir-se desses mecanismos, protagonizar sua docência, se aproximando da concepção de *Educador Ecológico*, porém, no tempo tão escasso das aulas, isto é possível de ser realizado de maneira efetiva?

Exatamente nesta indagação, surge a necessidade de alterações nos papéis sociais e nas atitudes e posicionamentos, visto que o professor protagonista apreende a responsabilidade de condução, a cooperação e o estímulo criativo dos alunos, ao valorizar o *outro* na amplitude do conceito, de modo que participam do processo de

aprendizagem de forma ativa, reflexiva, crítica e criativa. O tempo da aula se expande em outras dimensões temporais, incorporando especificidades: o tempo do intervalo, dos encontros dos alunos, da diversão, dos estudos, e as aulas passam a fazer parte do cotidiano do aluno, construindo a Educação Ambiental, enquanto tema transversal, sem perder o foco do currículo, garantindo o ensino-aprendizagem sob as perspectivas de uma sustentabilidade ancorada numa visão socioecológica. Isso se torna possível quando a escola, gestores, professores, funcionários, estudantes, compartilham as lideranças, se tornam sujeitos da mudança e protagonistas das ações, tornando a escola uma comunidade de aprendizagem que caminha para a sustentabilidade.

Sugestão de atividades para o educador ecológico trabalhar a identidade e alteridade

A identidade é uma construção que nunca apresenta um término, mas que se renova, se adapta, seja para os alunos ou para os Educadores Ecológicos, sendo formada e transformada no interior das representações que elaboramos sobre o mundo e que nos representam, mediante nossas percepções e interpretações. Identidades são posicionamentos, pontos em que nos situamos ao longo de nossas histórias, de modo que para conseguir visualizar essas mudanças, o educador pode proceder de várias maneiras, a exemplo da *Atividade com Fotografias*, descrita a seguir.

1. Peça aos educandos uma sequência de fotos antigas;
2. Com uso de celulares, câmeras digitais, ou quaisquer outros meios digitais, solicite aos alunos:
 1. Fotografia dos colegas (individualmente);
 2. Fotografia de si próprios (*Selfies*);
 3. Fotografia do grupo de amigos mais próximos;

4. Fotografia de todos os alunos;
5. Fotografia de todos os alunos com os professores, funcionários da limpeza, secretaria, direção, etc.

Convide-os a construir uma linha do tempo com as fotografias antigas, como no final da linha a série de fotografias atuais (de acordo com as possibilidades da escola, de forma impressa ou digital).

Numa roda de conversa, indague aos alunos, explicitando e explicando os termos e conceitos:

1. Houve mudança de quem você é em termos de identidade? Como isso aconteceu?
2. Quais fatores levaram você a ter essa subjetividade atual?
3. Como é sua relação com os “outros” (alunos, grupos, sala-de-aula, escola)?
4. O que do coletivo tem em você? Do que de você tem no Coletivo?
5. Quais são os valores que nós consideramos ao nos relacionamos com nossos colegas? Qual relação estabelecemos (*Eu-Tu* ou *Eu-Isso*)? Você aceita o outro, e o outro em você?

Diante destes cenários de subjetividades permeando concretudes, cabe a cada um de nós, como indivíduos ou membros de grupos e/ou comunidades, percebermos, significarmos e interpretarmos-nos a si mesmos, tanto na identidade pessoal como no grupo, em relação aos nossos mundo e espaço vividos (GUIMARÃES, 2007), para compreendermos o sentido e a relevância de criarmos um mundo mais justo e equitativo, onde a Educação Ecológica venha, simultaneamente, nos instigar e motivar, com a finalidade de nos transformarmos...Mas será que conseguiremos, como seres humanos, melhorar no dia a dia?

Para não finalizar... Aprender a Conviver: o Afeto como Essência na Educação Ecológica

Discutir e refletir a identidade, o sujeito e o protagonismo na Educação Ecológica, sem ações concludentes, não conduz necessariamente a trilhar um caminho mais sustentável, onde as ações geradas por sujeitos ecológicos estejam ligadas ao afeto, de forma harmônica, no ensino formal, pois consiste em considerar um conjunto de fatores como a criatividade, a imaginação, as emoções e os sentimentos, mais as relações de alteridades com a Terra que as crianças desenvolvem e passam a possuir, mediante suas experiências ambientais, sob uma visão mais holística. (GUIMARÃES, 2007). Quando a Educação Ecológica tem como seus sujeitos protagonistas as crianças e jovens, tem que considerar que elas são expressivas, demonstrando muito mais suas próprias emoções, sendo através das relações estabelecidas por sentimentos topofilicos e da biofílicos, que poderemos vislumbrar as diversas possibilidades referentes à construção de novas atitudes e comportamentos capazes de gerar mudanças significativas.

Portanto, precisamos enfrentar os desafios da falta de afetividade em nossas aulas, em nossa escola, em nossa comunidade, estimulando o ensinar, promovendo espaços dialógicos propícios à reflexão sobre a condição humana e suas relações de alteridades, assim também como para a identidade planetária e ecológica, abarcando problemáticas vivenciadas na atualidade, sensibilizando, mobilizando, incentivando e valorizando as crianças e jovens e todos os demais protagonistas envolvidos nas mudanças pró-ambientais, pois devemos considerar o *outro* na sua pluralidade e complexidade culturais, permeadas pelos afetos. No entanto, muitas vezes é a própria escola a iniciar a incompreensão e a falta de aceitação, e deste modo, nos impele a construirmos espaços de diálogos que funcionem como “pontes” entre as escolas e as comunidades, onde a criança e o jovem se sintam valorizados, tanto em sua individualidade como em grupo, num ambiente aconchegante e de familiaridade, onde

possam interagir, serem aceitos e ouvidos nas suas múltiplas expressões, sonhos, desejos, sensações, fantasias, expectativas...

Ao buscarmos a compreensão de um pensar sobre as relações interativas, integradas e adaptadas às realidades vividas, e que estas podem ser transformadas a partir de dado momento ou *insight*, abrem-se novos horizontes quando os saberes se tornam plenos de significâncias, as ações duradouras e as mudanças ecológicas inevitáveis. Dessa forma, a compreensão das relações de alteridades e das afetividades associadas, permite que interações simbólicas e afetivas ocorram, e que durante estes percursos de descobertas e experiências, sejam revelados espaços educativos e/ou educadores marcados pela sustentabilidade e transformação das territorialidades dos seus lugares como novos espaços de convivência e coexistência delineados pela visão ecológica.

Referências

ALVES, M. A.; GHIGGI, G. Pedagogia da alteridade: o ensino como condição ético-crítica do saber em Levinas. **Educ. Soc., Campinas**, v. 33, n. 119, p. 577-591, June 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302012000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16/02/2016.

BACH JÚNIOR, J. **Educação ecológica por meio da estética na Pedagogia Waldorf**. 2007. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/teses/M07_bach.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2015.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BENVENISTE, É. **Le vocabulaire des institutions indoeuropéennes**. Paris : Les Éditions Minuit, 1969.,p.272.

BUBER, M. **Eu e tu**. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, M. **Sobre Comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

- BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido, In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 165-193.
- CAPRA, F. **A Teia da Vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1998.
- CAPRA, F. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CAPRA, F. Como a natureza sustenta a Teia da Vida. In: STONE, M. K; BARLOW, Z. (orgs.) **Alfabetização Ecológica**: A educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006, p.13 - 16
- CARVALHO, I. C. de M. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.
- GUIMARÃES, S.T. de L. Nas Trilhas da qualidade: algumas ideias, visões e conceitos sobre qualidade ambiental e de vida, **Geosul**, Florianópolis, 2005, p.07-26..Disponível em:<
<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13233/12251> .. Acesso: 25-11-2015.
- GUIMARÃES, S. T. de L. **Paisagens: aprendizados mediante as experiências**: um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem. 2007. 164 f. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/116121>>. Acesso: 25-11-2015.
- GUIMARÃES, S. T. de L. **Sobre as “entredades” de Martin Buber**. Palestra proferida no Seminário RuAção, SEMIEDU, UFMT, novembro de 2014
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HALL, S. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. 1. ed. atualizada. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HALL, S. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 103-132.
- LIMA-GUIMARÃES, S. T. de. Mulheres e florestas: um estudo sobre comunidades tradicionais no Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Santa Virginia (PESM-

NSV), estado de São Paulo, Brasil. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.24, p.264-286, 2014. Home page:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/P.2318-2962.2014v24n2p264> . Acesso em: 29 de ago. 2015

MAHEIRIE, K. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, São Paulo , v. 7, n. 13, jun. 2002 . Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072002000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 de ago. 2015.

ORR, D. Prológo. In: STONE, M. K; BARLOW, Z. (orgs.) **Alfabetização Ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 9 - 12

ORR, D.; **Earth in Mind: on education, environment and the human prospect**. Washington: Island Press, 1994.

SARTRE, J.-P. **O que é a subjetividade?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SOUZA, R. T.; FABRI, M.; FARIAS, A. B. (Orgs.). **Alteridade e Ética**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

RESUMO

Nesta reflexão envolvemos a construção dos sujeitos e sua identidade formada na e pela alteridade, como perspectiva da Educação Ecológica. A trilha pela qual os sujeitos da ação ambiental (professores, alunos, gestores, funcionários, pais, comunidade em geral) tornam-se protagonistas para a construção de um desenvolvimento territorial sustentável em suas diversas escalas (recortes operacionais), abrangendo territorialidades multifuncionais tais como a Escola, o Bairro, a Comunidade, a Cidade. Estes protagonistas passam a levantar alguns questionamentos sobre os sujeitos e a importância das suas relações de identidades e alteridades, na construção dos territórios sustentáveis, com o intuito de alargar as perspectivas durante a exploração das possibilidades. Se por um lado, ainda existem somente exemplos pontuais de casos de desenvolvimento territorial sustentável, por outro lado a construção desse caminho pelos sujeitos – educadores ambientais, professores, gestores, alunos e toda a comunidade escolar – já está em curso.

Palavras-chaves: Subjetividade. Alteridade. Territórios Sustentáveis. Sujeitos Ecológicos. Alfabetização Ecológica.

ABSTRACT

This reflection involves the construction of subjects and their identity formed in and by alterity, as the perspective of Ecological Education. The trail in which the subject of environmental action (teachers, students, administrators, staff, parents, community in general) become

protagonists for the construction of a sustainable territorial development in its various scales (operating clippings) covering multifunctional territoriality such as the school, the neighborhood, the community, the city. These protagonists starts to raise some questions on the subject and the importance of their relations of identity and otherness, in the construction of sustainable territories, in order to broaden the perspectives for exploring the possibilities. On one hand, there are only few examples yet of sustainable territorial development cases, on the other hand the construction of this route by the subjects - environmental educators, teachers, managers, students and the entire school community is already underway.

Keywords: Subjectivity. Alterity. Sustainable Territories. Ecological Subject. Ecological Literacy.

Informações sobre os autores:

¹Davi Gutierrez Antonio – <http://lattes.cnpq.br/6978148955696870>

Doutor em Geografia

Coordenador de Projetos do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), Unidade do Ensino Médio e Técnico (CETEC Cap).

Contato: davi.gantonio@gmail.com

²Solange T. de Lima Guimarães – <http://lattes.cnpq.br/6635058136218303>

Livre-docente em Interpretação e Valoração de Paisagens

Coordenação do Laboratório de Interpretação e Valoração Ambiental (LIVA)

Depto. de Geografia, Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Rio Claro (SP) – Brasil.

Contato: hadra@uol.com.br